



## **O ensinar História na Educação Especial: dificuldades, possibilidades e limitações dos sujeitos com deficiência intelectual na cidade de Ituiutaba-MG**

Marcia Maria Alves da Rocha\*

### **Introdução**

O presente estudo tem por finalidade elencar algumas considerações entre a Educação e o ensino de História na Educação Especial, considerando as dificuldades encontradas, as possibilidades e as limitações que são inerentes para o desenvolvimento do educando no espaço escolar.

A bibliografia sobre esse estudo mostra que no Brasil o volume de pesquisas nessa área ainda é pouco explorado. Nesta perspectiva, busca-se trabalhar essa temática, explorando a importância do Ensinar História para alunos deficientes intelectuais na expectativa de saber como o professor ensina História e como esses alunos aprendem esse conteúdo.

O que importa é que os alunos possam construir significados e atribuir sentido àquilo que aprendem. Somente na medida em que se produz este processo de construção de significados e de atribuição de sentido, se consegue que a aprendizagem de conteúdos específicos cumpra a função que lhe é determinada e que justifica a sua importância: contribuir para o crescimento pessoal dos alunos, favorecendo e promovendo o seu desenvolvimento e socialização (COLL, 1998: 14).

Acreditamos que o aluno da Educação Especial é um sujeito social, de direitos e de deveres e que as propostas de atividades e as interações com o outro, dirigidas ou não, se misturam num eterno novo fazer todos os dias, dessa forma, ele apreende e refaz as atividades pelas interações com o outro e o ambiente.

Nesta perspectiva este panorama é bastante instigador e desafiador para alavancar reflexões sobre a temática o que nos aponta, sobretudo, a necessidade de investigar as suas motivações por meio de trabalho de campo.

É preciso considerar que a partir do conhecimento histórico científico, o ensinar



História a alunos com deficiência intelectual é importante para que esses se apropriem da sua realidade; usando sistemas simbólicos dentro de um contexto histórico, cultural e social os alunos conseguem ter ciência das temporalidades anteriores a elas próprias, embora a compreensão delas possa ser incompleta e até mesmo estereotipada, se não for mediada pela educação. Desde os primeiros anos, os alunos têm consciência do “passado” por meio de ilustrações de histórias e fotografias de famílias. Também é por meio da história que os alunos começam a entender o passado, mas, para entender o passado elas devem aprender desde o começo, a fazer perguntas e aprender como respondê-las (COOPER, 1991, p. 17).

É importante que o deficiente intelectual aprenda a ser e a viver como realmente é: uma pessoa com direitos e deveres, que necessita ser educado de forma significativa a fim de ser capaz de valorizar a visão positiva de si mesmo e estimular seu desejo e confiança para conquistar competência intra e interpessoal. (FALCONI, 2002, p. 4)

A deficiência mental não se esgota na sua condição orgânica e/ou intelectual e nem pode ser definida por um único saber. Ela é uma interrogação e objeto de investigação de inúmeras áreas do conhecimento. (MANTOAN; BATISTA, 2007, p.15)

Desse modo, a deficiência intelectual constitui um impasse para o ensino na escola comum e para a definição do seu atendimento especializado, pela complexidade do seu conceito e pela grande quantidade e variedades de abordagens do mesmo. A condição de deficiência intelectual não pode nunca predeterminar qual será o limite de desenvolvimento do indivíduo. A educação na área da deficiência intelectual deve atender às suas especificidades sem se desviar dos princípios básicos da educação proposta às demais pessoas. Assim sendo, os princípios inclusivistas apontam que elas devem freqüentar desde cedo à escola, a qual deve valorizar, sobretudo, os acertos da criança, trabalhando sobre suas potencialidades para vencer as dificuldades (OLIVEIRA, 2008).

Não se trata de negar os conhecimentos curriculares, ao contrário, é justamente favorecer ao aluno com deficiência intelectual o acesso ao conhecimento disponível historicamente como fator de emancipação humana, mas ao mesmo tempo, respeitar sua condição própria de aprendizagem, sem querer igualá-lo ao outro, ao contrário, cabe a



escola encontrar formas de valorizar e considerar o “jeito” de ser e aprender de crianças e adolescentes com deficiência intelectual. Trata-se, justamente como diz Padilha (2001, p.135) de “vencer as barreiras de sua deficiência – expandir possibilidades, diminuir limites, encontrar saídas para estar no mundo, mais do que ser apenas uma pessoa do mundo”.

### **O ensino de História na aprendizagem dos alunos deficientes intelectuais**

A principal indagação é como ensinar História para alunos com dificuldades intelectuais que não estão completamente alfabetizados, uma vez que não existe um parâmetro curricular apropriado para esse público, onde há que se produzir material didático pedagógico para serem inseridos nas aulas de História levando em consideração que esses educandos são adolescentes. Ensinar História para educandos com dificuldades intelectuais possibilitam meios e condições básicas para que estes se conheçam, constituindo e descobrindo que podem interagir com o outro e com o mundo, criando e formando relações.

Neste sentido, acreditamos que ensinar História para esses alunos, quando devidamente trabalhado, pode fornecer elementos que possibilitem desenvolvimento humano acerca da realidade. Mas como proceder para que este objetivo se concretize? Na perspectiva da didática do ensino especial ensinar e aprender utilizando materiais concretos são dois processos distintos, existência inserida das quais afloram as seguintes questões: Como os professores da Escola Especial ensinam História? Como os alunos com deficiência intelectual aprendem História? Para Schmidt apud Rüsen (1987), um dos princípios constitutivos da Didática da História é o de ordem teórica, ou seja, diz respeito às orientações e discussões sobre as condições, finalidades e objetivos do ensino de História e envolve questões como “para que serve ensinar História?”, “por que trabalhar História na escola?” e “que significado tem a História para alunos e professores?”

Partindo desta linha de raciocínio interessa-nos saber como e se o referido conhecimento prévio dos quais estão providos os alunos com deficiência intelectual da



Educação Especial é considerado pelos professores no constructo da sua prática docente. Também entendemos ser relevante compreender como esses professores trabalham com esse conhecimento advindo das experiências mundanas. No que tange aos estudantes nos questionamos se o conhecimento adquirido nessa perspectiva contribui para que o mesmo perceba o sentido da História para a vida prática.

Partimos da hipótese que os educandos trazem consigo um legado cultural, constituído a partir do senso comum, não científico, advindo do cotidiano de suas relações com os outros, sendo este passível de aproveitamento nas práticas educativas. Pensamos que seja prática pouco constante entre os educadores da Educação Especial, dialogar de forma dinâmica e histórica com este conhecimento prévio dos estudantes.

Consideramos importante relacionar o Ensinar História na Educação Especial abarcando a perspectiva da didática da História uma vez que segundo Rafael Saddi (2010), a didática da História não lida simplesmente com a educação ou com o ensino, mas com o modo com que as representações sobre o passado produzem compreensões do presente e do futuro. Isto quer dizer que a didática da História lida com a orientação temporal inherentemente produzida pela História.

Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt comenta que um dos princípios da Didática da História é que professores e alunos busquem na renovação dos conteúdos, a construção de problematizações históricas, a apreensão de várias histórias lidas a partir de distintos sujeitos históricos, das histórias silenciadas, histórias que não tiveram acesso à História (SCHIMIDT, 2005, p.299).

Selva Guimarães Fonseca (2003, p. 36), apresenta a idéia de que é preciso que os professores incorporem no processo ensino aprendizagem outras fontes de saber histórico, tais como o cinema, a TV, os quadrinhos, a literatura, a imprensa, as múltiplas vozes dos cidadãos e os acontecimentos do cotidiano.

O professor, ao diversificar as fontes e dinamizar a prática de ensino, democratiza o acesso ao saber, possibilita o confronto e o debate de diferentes visões, estimula a incorporação e o estudo da complexidade da cultura e da experiência histórica. (FONSECA, 2003 p. 37)

Para Parente (2004), a disciplina de História reveste-se de grande importância para o mundo moderno apesar das pessoas inferirem na compreensão da natureza e do



objetivo do conhecimento histórico. O autor destaca ainda que para as pessoas de uma forma geral, a História procura explicar quem somos de onde viemos como família, comunidade, nação ou etnia, ou simplesmente surge como uma forma de divertimento pessoal. No entanto, o autor aponta que qualquer uma dessas perspectivas poderá ter alguma importância em uma determinada altura da vida, e que esse leque variado de perspectivas deve ser levado em consideração, inclusive, que os alunos chegam à sala de aula já com algum conhecimento de História. (PARENTE, 2004, p.46)

Analizando por este viés o professor inserido num determinado contexto escolar, tem sua maneira própria de agir, ser, viver e ensinar, transformando assim o conjunto de conhecimentos históricos em saberes ensináveis, trazendo a compreensão dos alunos. Fonseca aponta que através desses conhecimentos trabalhados em sala de aula, o professor pode fazer emergir a memória daqueles que tradicionalmente não tem direito à história (FONSECA, 2003).

Fonseca (2003) retoma dizendo que embora grande parte dos modelos de ensino no país seja baseada em padrões tradicionais, a principal característica do ensino de História no Brasil é a busca incessante do fim da exclusão social. Schmidt (2005, apud Rüsen 1992) encerra este debate entre os autores nos alertando que

[...] A partir do seu presente e de sua experiência, alunos e professores se apropriam da história como uma ferramenta com a qual podem romper destruir e decifrar a linearidade de determinadas narrativas históricas, fazendo com que elas percam o seu poder como fonte de orientação para o presente.

Apresentado este quadro teórico sobre o ensino de História e algumas considerações sobre a didática da História nos permitimos afirmar apoiando-nos na concepção de Oldimar Cardoso (2008), que a pesquisa de campo didático-histórica pode sim “ser realizada no cotidiano escolar, mas não é apenas no cotidiano escolar, pois suas conclusões sempre dizem respeito à cultura e à consciência histórica que se expressam para além dele”. Isso reforça a premissa de que a Educação Especial é um ambiente apropriado para desenvolvê-la.

Nesta pesquisa serão consultados autores com reconhecida contribuição no que se referem à temática da pesquisa, tais como VYGOTSKY, L. S. (1998), SANTOS (2011), COOPER (2012) entre outros.



Pelo exposto reafirmamos a importância desta pesquisa uma vez que esta busca uma fusão com o contexto conceitual da Educação Especial aplicada ao ensino de História como forma do desenvolvimento do educando com Deficiência Intelectual. Sendo assim acreditamos que as trajetórias de Ensino e Aprendizagem na Educação Especial estejam, pautados no crescimento cognitivo dos educandos.

Ressaltamos que aprender é uma ação humana criativa, individual, heterogênea e regulada pelo sujeito da aprendizagem, independentemente de sua condição intelectual ser mais ou ser menos privilegiada. São as diferentes idéias, opiniões, níveis de compreensão que enriquecem o processo escolar e clareiam o entendimento dos alunos e professores. Essa diversidade deriva das formas singulares de nos adaptarmos cognitivamente a um dado conteúdo e da possibilidade de nos expressarmos abertamente sobre ele (MANTOAN; BATISTA, 2007).

### **Considerações finais**

Podemos perceber como o ensinar história é importante para o desenvolvimento integral dos educandos, esse desenvolvimento acontece através da troca recíproca que se estabelecem durante sua vida. Portanto acredita-se que através do ensino de história o aluno será capaz de desenvolver capacidades importantes como a atenção, a memória, e conhecer a si mesmo e o outro.

Através desse estudo podemos elencar algumas considerações sobre a Educação Especial e a importância do ensino de história para o desenvolvimento de alunos deficientes intelectuais no espaço escolar. Buscamos compreender como o professor de história ensina história e como esse ensinar contribui para o desenvolvimento cognitivo dos educandos. Conhecer as práticas pedagógicas do professor de história no espaço escolar foi de suma importância para apreendermos a possível identificação de como essas práticas são desenvolvidas no ambiente escolar.

Salientamos que a utilização das diversas fontes além de dinamizar a prática de ensino ao saber, possibilita os meios e as condições básicas para que os educandos se conheçam e se constituam, descobrindo que pode interagir com os objetos e por meio



deles, com o mundo, criando e formando relações, estimulando a incorporação da complexidade da cultura e da experiência histórica.

Portanto é imprescindível que a escola de Educação Especial repense seu Planejamento Político e suas práticas pedagógicas, buscando propiciar as reais aprendizagens que devem ser construídas na fase do desenvolvimento dos educandos, nas quais esses se apropriam de conhecimentos e aprendizagem significativa.

Partimos do princípio que, conhecer e vivenciar as práticas pedagógicas que ocorrem no cotidiano da instituição educacional é de extrema importância e considerável para as possíveis práticas a serem desenvolvidas, no espaço escolar bem como para a reflexão referente às concepções educacionais.

Podemos perceber que há uma grande variedade de fontes de saber histórico a serem inseridas no processo de ensino aprendizagem que podem proporcionar aos deficientes intelectuais uma forma de aprendizagem que tenha significados. Cabe ao professor escolher as fontes com o olhar voltado para as limitações dos educandos e valorizar as potencialidades, talentos e conhecimentos que esses trazem com eles.

Concluímos que para o deficiente intelectual aprender história ele deve ser estimulado a conhecer o mundo, o outro e a si mesmo de forma gradativa, onde o professor será o mediador desse conhecimento e dessa aprendizagem, e responsável por estimular as habilidades intelectuais e sociais dos mesmos.

### **Referências bibliográficas:**

COLL, César. *Os Conteúdos na Reforma: Ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

COOPER, Hilary. *Ensino de História na educação infantil*: um guia para professores. Curitiba: Base Editorial, 2012.

FIGUEIRÓ, Nivalda de Souza, MOUSSA, Ibrahim Georges Cecyn. *A Deficiência Intelectual e o Processo de Ensino Aprendizagem*. 2011. Disponível em: <<http://www.alex.pro.br/A%20DI%20E%20O%20PROCESSO%20DE%20ENS.pdf>>.



MANTOAN, Maria Tereza Eglér; BATISTA, Cristina Abranches Mota. Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Mental. In: GOMES, Adriana L. Limaverde Gomes... [et al.] *Deficiência Mental*. São Paulo: MEC/SEESP, 2007. (Série Atendimento educacional especializado)

MINAYO, M. C. de S. (2010). *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco.

PADILHA, A. M. O que fazer para não excluir. In: GOÉS, M. R. ; LAPLANG, A. F. *Políticas e práticas de educação inclusiva*. São Paulo: Autores Associados, 2001.

SANTOS, Carla Márcia Pamphile dos. *O Ensino de História e o Processo de Inclusão Escolar: o ensino de história a alunos inclusos na rede pública do Estado do Rio de Janeiro*, 2011.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas, SP: Papirus. 2003.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

---

\* IFTM/UAB. E-mail: <rochamata3@gmail.com>.